

OS 'LIP' , A IMAGINAÇÃO NO PODER
(Autogestão na cidade de Proudhon e Fourier.)

Claudio Nascimento

“ É possível: produzir, vender e pagar salários”!

“ Os patrões licenciam...licenciem os patrões!”
(consignas da LIP)

Nos anos 70 do século 20 , a cidade de Besançon, no leste da França, teria mais alguns elementos para se incorporar a cultura socialista da autogestão. Dos séculos anteriores, a cidade tinha suas referencias neste campo: No século 18, nesta cidade nasceu ,em 7 de abril 1772, Charles Fourier. No século 19 , em 15 janeiro de 1809, Proudhon nascia em um bairro operário da cidade.

No primeiro semestre de 1973 , o jornal “Estado de São Paulo” , (apesar de não publicar noticias sobre as greves no Brasil,como a da PIRELLI de Santo Amaro,em 1973), noticiou a ocupação de uma fabrica numa cidade do interior da França: os trabalhadores de uma empresa de relógios,em Besançon, ocuparam a empresa e passaram a produzir por conta própria.

Esta luta empolgou a Europa durante seus 9 meses de duração e, ficou como símbolo da autogestão. Neste período, 1973-1974, os militantes da OS brasileira estavam chegando a Europa. Sem duvidas, Besançon ,um marco no campo da CFDT, também se tornou uma referencia para os companheiros brasileiros.

O 73, ainda foi um ano no “ciclo longo de lutas pela autonomia e autogestão” na França. A principal luta deste ano ocorreu em Besançon , na empresa LIP (nome de um capitalista: Fred Lip).Os trabalhadores ocupam a empresa e passam a produzir e vender os relógios produzidos.

Para maioria das esquerdas, a autogestão presunha a ‘tomada do aparato estatal’. A ‘revolução política” precede a “revolução social”.

Assim, o PS , o PC e a CGT chamam esta luta de ‘auto-defesa’; Edmond Maire, da CFDT, fala de “uma ilegalidade, precursora da legalidade futura”; o PSU fala de ‘controle operário’; a LCR fala de ‘greve geral’;”Libération” fala de ‘gestão operaria”.

Michel Rocard, em pós-facio ao livro de Charles Piaget :

“ Esse conflito é exemplar de uma situação de autogestão (...) Com avanços desiguais, as formas de organização na LIP prefiguram as formas da sociedade em transição para o socialismo”.

Anos depois, em 1978, Daniel Mothé , antigo militante do grupo “Socialisme et Barbárie” , escrevia uma obra para questionar estas visões : “ A autogestão gota-a-gota”. Perguntava: se a autogestão deve ser sempre generalizada, como trabalhar com as experiências concretas do dia-a-dia ?

A “economia moral do tempo “ na Lip

A Lip tinha uma longa existencia : foi fundada em 1886 .Na empresa de Fred Lip, a organização do trabalho funcionava através de cadeia automática, em que os operários não podiam parar nenhum segundo ; para os operários, era como um prisão em que produziam 800 relógios por dia ,com gestos monótonos ,sem poder fumar um cigarro;quando se fazia amizade com um vizinho na linha, te mudavam de posto.Não se podia trocar palavras.Havia multa pelos atrasos na chegada a fabrica. Os operários saiam do trabalho esgotados .

No entanto, 5 gerações produziram relógios Lip, que transmitiam a precisão e a perfeição destes produtos de alta qualidade.Os trabalhadores se orgulhavam de seus relógios.;afinal, tinham criado o relógio eletrônico a pilha e, sobretudo, o primeiro relógio a quartz do país, um salto tecnológico.

Este processo de trabalho estava refletido em uma pintura ocupando uma imensa parede da fabrica: uma visão de campo e montanha, tendo em frente Fred Lip, o patrão, dando as horas a Einstein e conversando

com Galileu.No céu, antigos símbolos do tempo.Uma mulher com rosto da senhora Lip,a filha do patrão.É uma espécie de criação do mundo, através do tempo assinalado por Lip: o tempo constrói a cidade e muda os costumes.

Esta pintura representa a idealização delirante do patrão: uma moral de um tempo abstrato, fora da vida;a cadeia automática modelo representa o resultado pratico do idealismo: o ódio pelo homem,a negação de suas necessidades.

Ao lado da produção de relógios, a Lip fabricava também armas.Produção iniciada no pós guerra,que em 1946 , aumentou sua produção devido a guerra francesa de ocupação do Vietnam.Chegava-se a montagem de 7.000 peças para mísseis na Lip de Issoudun.

João Bernardo remarca o caráter de solidariedade dos trabalhadores: “ o exemplo pioneiro da luta na Lip,quando,a 17 de Junho de 1973,um negociante do Kuwait propôs a aquisição a pronto pagamento a vista de trinta mil relógios,montados autonomamente pelos grevistas.Sob o ponto de vista material,essa contribuição resolveria sem duvida muitas dificuldades mas, para os trabalhadores em luta,era o ponto de vista social o determinante ,por isso recusaram a proposta e continuaram a vender os relógios diretamente aos trabalhadores de outras empresas.Aqueles bens não eram,aqui,incorporados de valor,mas de um outro tipo de relações sociais,expressas na solidariedade”. (in: A Economia dos Conflitos Sociais”).

No 68, os trabalhadores da Lip já tinham coupado a empresa;em junho de 70,, tinham bloqueado estradas como protesto;dias depois, reocuparam a empresa por 16 dias,contra uma redução de pagamentos,inclusive,ocupando as salas da direção;em 1971-72 ,novas lutas contra demissões.

A democracia de base na Lip foi outra expressão da práxis autogestionaria,herdada das lutas de 68;por exemplo, um ‘comitê de ação’,com não sindicalizados,ao lado das ‘seções sindicais’ da CFDT e da CGT; assembléias gerais, trabalhos em grupo, divulgação de informações. O impulso maior à luta veio da ‘seção sindical empresa’ –CFDT,em que se destacou a liderança de Charles PIAGET , militante da ACO e do PSUF.

Os dirigentes nacionais da FGM,acompanharam diretamente a luta: R.Briesch ficou um mês em Besançon; Alfred MUTET* e J.CHERÉQUE,coordenaram o trabalho na FGM.

Em síntese,podemos afirmar que o caráter exemplar da greve da Lip está no fato de que os trabalhadores concentraram em suas lutas todas as formas de ação novas que tinham surgido,sobretudo,após 1968:seqüestro,ocupação, movimentar a empresa sem os patrões,gestão operaria da produção e da luta, popularização,articulação através de marchas a outras regiões,etc.

O Contexto da modernização francesa

Na França, de 1960 a 1968 a media anual de aumento de preços foi entre 3,5-4%;nos anos 1969-73, esta media foi multiplicada por dois (6 a 8%) e,em 1973, dobrou mais uma vez (15%). De 1969-73, o crescimento foi sustentado pelo desenvolvimento do consumo e das trocas externas além de um forte crescimento dos investimentos.O patrono falava,então,de um crescimento ‘ a japonesa’ centrado na industria devido a eliminação de empresas medias e pequenas.O Governo começa um processo de ‘reestruturação’ das empresas. Os investimentos e os aumentos de salário são financiados pela inflação.

Nessa metade dos 60, aO país tinha alcançado um nível de prosperidade sem precedentes., parecendo que o país estaria fora do alcance de quaisquer crises sociais. A moeda estava sólida e o crescimento anual era de 5%. As guerras coloniais tinham acabado.Num período de 20 anos, houve uma mudança de época. Toda uma imagem do país sofria mudanças formidáveis.A da “Dulce france”,com suas vilas e sinos , mudava radicalmente.Todavia, continuava presente na educação .Coexistiam temporalidades distintas.As classes sociais e a desigualdade permaneciam.

A França conseguia acompanhar a ‘sdegunda revolução’ industrial, com a industrialização e a urbanização;ocorre uma melhora global da condição operaria ,com o desenvolvimento da produção e do consumo e da redistribuição alicerçados pelo “Estado providencia” . Acabava o êxodo rural e os centos urbanos se desenvolviam.Assim, os modos de vida e de estruturação das classes mudaram.

Esta modernização traz junto uma crise de idéias e de valores da ação política.: a aparente satisfação geral e o conformismo mascaram uma vida vazia,com o consumismo e o ‘mal estar’ das metropolis. J.Lê Gouff assinala que “ O fenômeno marcante destes anos é a emergência de novas camadas ditas intermediarias (entre a burguesia e a classe operaria).As camadas medias tradicionais (camponeses, artesãos e pequeno-comerciantes) desaparecem,enquanto outras emergem.O setor terciário progride e emprega a maioria das mulheres que trabalham.Aos empregados somam-se os quadros superiores e

médios, os técnicos, os profissionais liberais em plena expansão”. Em 1962, mais de 7 ativos entre 10 são assalariados e o emprego feminino cresce.

Os operários ainda continuam a classe mais numerosa, mesmo que diminua em relação a outras categorias de assalariados que, em 1962 eram de 6,6 milhões e, em 1968, eram de 7,3 milhões. NO após Guerra houve uma recomposição: os operários pouco ou não qualificados eram maioria, pois, o ‘taylorismo’ favorecia o desenvolvimento da categoria dos OS (“ouvriers spécialisés), não qualificados, vindos do campo de outros países (Portugal, Espanha, Magreb). Os jovens, as mulheres, os imigrantes formavam a maioria. Ao mesmo tempo, aumenta a categoria de operários qualificados e dos contra-mestres, e os ‘operários de colarinho branco’ (técnicos, engenheiros de produção, desenhistas industriais, etc). Este progresso diz respeito a vida cotidiana: a estrutura de consumo muda; máquinas de lavar, refrigeradores, automóveis e televisão são símbolos da mutação, que traz junto uma ‘deshumanização’ das relações pessoais e o anonimato característico da “multidão solitária” de David Riesman. Um ‘novo conformismo de massa’ se instala no país.

O sociólogos do trabalho assinalam que as lutas reivindicativas dos sindicatos deveriam evoluir para aspectos mais qualitativos do estatuto dos trabalhadores, o controle do poder e a gestão nas empresas.

O ramo da relojoaria

A partir das lições extraídas da crise de 1921-22, os patrões do setor da relojoaria se reagrupam e criam a Federação da relojoaria. Em 1926, as fabricas que produzem os esboços se federam e formam a “Ebauchés AS”. Em 1931, fundam uma sociedade holding a ASUAG (Sociedade geral da relojoaria Suíça). Em 1967, Ebauches SA entra no capital da Lip com 33% das partes. Com o tempo, controlaria a fabrica.

Com a crise do petróleo, o emprego paga os custos da política anti-inflação. No período de crescimento da criação de empregos, o número de desempregados aumentou de 100.000. Com o aprofundamento da crise a partir de 1974, em final de 1977 o número de desempregados atinge 1,2 milhões. Em 1975, a estagnação atinge o país.

Em relação a 1969-70, o ano de 1971 e os que se seguem são marcados pela combatividade dos trabalhadores. Diversas greves de longa duração ocorrem em diversos setores:

“Joint Français” de 13 de março a 9 de maio; “Nouvelles galeries” de Thionville, do 13 abril ao 26 junho 1972; greves nos Bancos na primavera de 1974 (de 4 a 8 semanas), greves nos correios em 1974. Apenas para 1971, ocorrem 260 conflitos, das quais 18% duraram mais de 7 dias.

No pós 1968, o fenômeno novo não é a longa duração das greves, mas o recurso a ações reprovadas pela lei: ocupação dos locais de trabalho, seqüestros, etc. Se não são formas novas de luta, todavia, a ocorrência em varias empresas no mesmo período, é um fato novo.

Os trabalhadores reagem a violência patronal: por exemplo, a direção da REUNALUT, em Saint-Etienne, em abril de 1973, forma um comando que entre na fabrica ocupada, agride os operários e seqüestra as fichas técnicas para prosseguir a produção em outro local. A ‘União das industrias metalurgicas e mineiras’ cria um ‘fundo de greve’ para se defender das greves.

Muitos trabalhadores se beneficiaram da expansão econômica do período 1969-73; fenômeno que trouxe uma disparidade de remuneração e uma deteriorização das condições de trabalho (aumento das cadencias, etc). As trabalhadoras de “Joint Français” em Saint-Brieuc (Bretanha) desencadeiam uma greve que durou 57 dias, tendo um enorme solidariedade da população da região. Nas 29 magasins do trust “Nouvelles Galeries”, as jovens trabalhadoras realizam uma greve que contou com a solidariedade de vários ‘comites de apoio’.

Muitos destes conflitos têm como atores os trabalhadores imigrantes, por exemplo, em Lyon 1972: algerianos, marroquinos e tunisianos entram em greve no trust “Penarroya”, com duração de 32 dias. Mulheres, jovens, camponeses, imigrantes marcam as novas lutas.

As lutas pelo emprego

Neste contexto, a partir de 1974, os conflitos pela manutenção do emprego crescem. Mas é a partir da greve na Lip que o fenômeno chamou a atenção.

Os conflitos sobre o eixo do emprego marcam os anos 1974-77 e se caracterizam pela sua duração. Em julho 1976, houve 5 conflitos que duraram mais de 16 meses, 11 de 12 a 14 meses, 12 de 8 a 10 meses, 11 de 4 a 7 meses.

A originalidade dos métodos de luta tem por marca a ‘ocupação das fabricas’ e manter um nível de produção para assegurar um complemento de renda para prosseguir a luta e, para manifestar simbolicamente que os operários são capazes de produzir sem patrão e de organizar o trabalho segundo suas idéias. A venda dos seus produtos, ficou conhecida como “vendas selvagens”, e, o pagamento dos

trabalhadores nestas empresas, chama-se “pagamento operário”. As duas centrais, CGT e CFDT, em 1974 articulam uma manifestação sob a Torre Eiffel com milhares de jovens trabalhadores representando 450 empresas em luta.

O mérito dos operários da Lip de Besançon, está no uso de métodos originais em condições difíceis, pois se tratou de lutar contra a liquidação da fábrica, através da ocupação de uma empresa em falência.

Charles Piaget afirma que: “Na Lip, após o maio 68, fomos mais audazes!”.

Piaget reconhece que “o gérmen de 73 está em 1970”: “A luta que conduzimos em abril de 1973 foi o pico de uma série de outras lutas... O conflito tal qual ocorre hoje só foi possível porque houve Maio de 68. Ele seria impossível nos anos 60. Ele nasceu dessa potente onda de fundo do movimento operário. Em Maio 68, alguns redescobriram, outros descobriram, como para mim, as formas de combate que não eram mais utilizadas depois muito tempo: a greve com ocupação de fábrica, a greve ativa, com a participação efetiva de um grande número de trabalhadores, a elaboração das reivindicações feitas pelos próprios trabalhadores. Descobrimos ou redescobrimos as assembleias gerais cotidianas, soberanas nas tomadas de decisão, o comitê de greve ativa. Maio 68 foi uma boa escola”.

A ocupação da fábrica!

Em um primeiro momento, a luta foi caracterizada pelo caráter revolucionário de massa. Os operários tomavam consciência do grande contraste entre seu trabalho e a destruição das forças de produção operada pelo capitalismo. Desde as primeiras inquietações frente as demissões repentinas de trabalhadores, a decisão de reduzir os ritmos de produção como forma de protesto contra a venda da Lip, em 1967, ao monopólio “Ebauches S.A.” (grupo suíço do trust multinacional ASUAG, que controla 10 grupos financeiros); a rebelião de massa quando não receberam os salários e os administradores provisórios não davam respostas sobre o futuro da fábrica.

A EBAUCHES tem 26 sociedades e fábricas com produção de peças de relógios. Tinha por objetivo o controle da Lip: os capitalistas suíços tinham um mercado mínimo na França de 500.000 relógios por ano; enquanto na Inglaterra vendiam 6 milhões anuais; assim, queriam conquistar o mercado francês, através da melhor fábrica existente: Lip.

Fred Lip torna-se acionista da Ebauches e monta uma nova fábrica de montagem de relógios: a ELECTRA, com todo o equipamento e estrutura da Lip; é uma operação para destruir a fábrica, e abrir a falência.

A produção vai se modificando: a Lip produz sempre menos peças para montagem de seus relógios: em 1967 fábrica 67% dos relógios; em 1972 apenas 49%.

Todavia, a Lip tinha um ciclo integral de produção: da peça simples ao relógio inteiro; assim, decidiu-se pela ‘reestruturação’ da Lip: esta se limitaria a montar para França peças produzidas em outros locais. A conquista do mercado francês, aumentaria a disputa pela concorrência com a produção dos americanos e japoneses na Europa.

A EBAUCHES, portanto, insere-se no novo campo de repartição da mais-valia em nível mundial.

A produção de relógios tinha a característica de constantes crises. O monopólio do setor, para aumentar sua taxa de lucro, recorre a concentrações, destruindo o artesanato e as fábricas pequenas. Só na França, em 10 anos foram destruídas 70 empresas do setor.

Na luta feroz pelo mercado mundial, a EBAUCHES tinha destruído várias fábricas. Na Lip, sua participação passou dos 33% para os 56%. A gestão da empresa se fazia cada vez com mais violência e se preparava a futura ‘reestruturação’, ameaçando os 1.200 operários da Lip.

Fred Lip, minoritário, pede demissão e deixa o lugar para os patrões da ebauches AS, que, com apenas 4 meses depois, solicitam ao tribunal do Comércio a falência da Lip.

A classe operária da região onde fica Besançon, é muito original. A história da classe operária de Franche-Comte é marcada pela combinação de influências proudhonianas, anarco-sindicalistas, socialistas, comunistas e social-cristã.

Os ‘lippianos’ tinham uma forte tradição de luta: em 1968, os trabalhadores tinham ocupado a Lip; em 1970, bloquearam as estradas como protesto, porque os patrões queriam reduzir a participação assistencial; logo depois, ocuparam outra vez a fábrica por 16 dias, contra uma redução de pagamento; em 1971 e 72, mais uma vez lutaram contra demissões.

Na fábrica Lip de Besançon-Palente, a seção sindical CFDT é uma das mais combativas da Central. Viveu a mudança da CFDT, preparada pelo grupo “Reconstrução”, foi estimulada pelo Maio 68 e pela chegada de jovens militantes entusiasmados, ativistas sindicais. Seus militantes estão sob a influência do PSU, onde existem todas as tendências da época: social-democracia de esquerda, marxistas críticos, maoístas, trotskistas, etc.

Em 1973, em Asnières houve uma Conferência Operária reagrupando militantes de empresas, filiados ao PSU, Luta Operária e AMR. Nesta Conferência, Charles Piaget, responsável CFDT na Lip e militante do PSU, colocou a questão: diante da proposta de reestruturação da Lip, o que fazer? Que ação desenvolver? Ocupar a fábrica, e depois? Alguns militantes propuseram a 'greve ativa' de 1968 e, a autogestão social generalizada.

Em 17 de abril, o Tribunal do Comércio designa 2 administradores judiciais. No 27 de abril, 1.000 trabalhadores da Lip desfilam nas ruas até a Prefeitura. No 12 de maio, é criado o "Comitê de Apoio a Lip", com a CGT, a CFDT, o PCF, o PSF, o PSU, Luta Operária, Liga Comunista, a JOC, o MRJC e a JC. O bispo e as 4 lojas maçônicas de Besançon apoiam publicamente os trabalhadores. Por exemplo: no 15 de junho, na manifestação de 15.000 trabalhadores, o arcebispo fala em frente à Igreja São Pedro, junto com os delegados sindicais. O caráter social da Igreja abre também as portas para uma luta com apoio da população.

Assim, começou a luta dos trabalhadores.

Em 25 e 26 de abril 1973, manifestam frente à prefeitura de Besançon; no 10 de maio, bloqueiam as estradas que levam as 3 entradas da cidade, solidarizando-se com os caminhoeiros; à noite, vão ao consulado suíço; no dia seguinte, um cortejo de automóveis assedia a casa do deputado gaullista da região.

No 12 de maio, 200 operários vão à Suíça para uma manifestação frente à sede da EBAUCHES; voltaram à Suíça 2 semanas depois, para desfilarem junto com operários suíços, com cartazes defendendo "Contra a Europa dos trusts, solidariedade internacional de todos os trabalhadores".

Em seguida, 500 operários vão à Paris manifestar-se frente à Embaixada Suíça. Organizam um comitê de apoio, em nível nacional, para preparar uma grande manifestação em Besançon.

No 12 de junho 1973, os operários tomam os escritórios, seqüestram os administradores e acham em suas pastas os planos de centenas de demissões: Lip, fábrica de relógios de qualidade seria fechada, só ficando a marca para o uso do monopólio suíço. Neste mesmo dia 12 junho, os operários ocupam a fábrica; queriam justiça e manter os postos de trabalho. Adotaram o 'slogan' "Lip, Lip vencerá!".

Em 15 de junho, houve uma manifestação popular de solidariedade. A polícia atacou e os operários se defenderam. Surgiu a proposta de continuar a produção de relógios na fábrica ocupada, para venda e pagamento de salários. Dos 1.150 relógios produzidos no primeiro dia da ocupação, venderam imediatamente 454 relógios. Neste dia 15, a manifestação tem mais de 100.000 pessoas que desfilaram durante 3 horas em Besançon.

Em assembléia, no 18 de junho, na fábrica ocupada, os trabalhadores decidem por: retomar a fábrica e produzir; criar comissões e, um comitê de ação. As palavras de um padre, conduz a que os não-sindicalizados integrem este comitê.

Dias depois, uma delegação visitou a Renault-Bilancourt: distribuíram todos os 'volantes' e, em plena praça, os operários das duas empresas se solidarizavam, se abraçavam, cantavam músicas regionais. Compravam os relógios. Muito significativo é o telegrama enviado pela seção sindical da CFDT-RENAULT

"A CFDT-Renault protesta vigorosamente contra a agressão da força policial contra a fábrica Lip... Esta miserável ação mostra a incapacidade do regime atual para responder às reivindicações dos trabalhadores, a não ser com a força. Com isto, o estado demonstra, uma vez mais, não passar de um aparato ao serviço da classe dominante e que o seu papel essencial consiste na manutenção da ordem social existente, com todos os meios que detém: administração, justiça, força policial. Em tal contexto, a luta dos operários da Lip, por sua força dinâmica e por sua combatividade, mostra o caminho para toda a classe operária. Esta luta põe em questão o próprio domínio patronal. De outra parte, mostra nos fatos a capacidade da classe operária de gerir sua própria vida.

Os trabalhadores da Renault se sentem parte desta luta, devem também lutar contra a reestruturação capitalista, que se expressa para eles no aumento dos ritmos, na contínua degradação das condições de trabalho e no crescimento da repressão no interior da fábrica. Seguramente, a futura luta da Renault se inspirará largamente na forma de luta indicada pelos companheiros da Lip.

Não obstante, o atual fechamento (chiusura estiva) da fábrica Renault, a CFDT-SRTA empenha-se em organizar, para assegurar a Lip a solidariedade concreta dos trabalhadores da Renault.

"Lip-Renault mesma luta"!

Eis as palavras de um metalúrgico da Renault:

"Para mim comprar um relógio é mais que um apoio financeiro, é também um apoio moral. É ajudar uma coisa formidável que está acontecendo, e que é maior que as clássicas reivindicações sindicais. Dos

operários que têm posto em funcionamento uma fábrica, e que vendem o seu produto; é muito mais que uma luta por questões materiais”.

A Seção Sindical-CFDT e o Comitê de Ação, divulgaram um manifesto:

“ Dizemos Não ao capitalismo internacional.

Dizemos Não aos poderes públicos, que desejam desmantelar a Lip e organizá-la segundo os seus interesses.

Dizemos Não à política da direção, que por 3 anos nos tem enganado, que assegurou que tudo iria se resolver, enquanto preparava em segredo o golpe de mão.

Dizemos Não à intolerável situação dos trabalhadores, os quais, após 3 meses de luta, ignoram ainda qual será a sua sorte.

Exigimos a sobrevivência da fábrica, a garantia do posto de trabalho, a possibilidade para os trabalhadores de educar seus próprios filhos com dignidade, sem temer continuamente pelos seus futuros.

Por tudo isto, estamos prontos a lutar até o fim, crentes que nossa luta serve para defender nossos interesses fundamentais, como os de todos os trabalhadores.

Esta luta demonstra de fato que “uma outra sociedade é possível, uma sociedade igualitária em que os trabalhadores cuidarão de seus próprios interesses”. Se o poder não liquidou nossa experiência, é por que sabe que muitos estão do nosso lado, por que sabe que uma enorme corrente de solidariedade se desenvolverá nas próximas semanas e se expressará em assembleias, comícios, delegações, etc.

A luta da Lip diz respeito a todos os trabalhadores. O governo e os patrões devem convencer-se que, se tocarem na Lip, a resposta operária será massiva”.

Besançon, 6 julho 1973 “.

Semanas depois, chegavam a Besançon centenas de camponeses para se manifestarem contra o parasitismo e as péssimas condições no campo. No centro da cidade, vendiam aos trabalhadores de Besançon seus queijos a “preço político”; por sua parte, os operários da Lip, vendiam seus relógios.

Em assembleia na fábrica, os operários se organizaram em comissões: a que se ocupava da comunicação de massa: volantes circulavam pela cidade; participaram do “Tour de France”, sendo que, as noites faziam assembleias em sindicatos para explicar a luta.

Ao passo que a TV falava de desmobilização da luta, a comissão de massa, redigiu um volante para cidade de Besançon: “Os operários da Lip são como vocês, são homens e mulheres como vocês que lutam pelo trabalho”. A mídia fala que os ‘trabalhadores recebem para nada fazer’. Em Besançon se lançou uma pesquisa para saber as ideias dos trabalhadores sobre a luta. Um volante com 20.000 cópias foi, então, distribuído para explicar a luta. Contatos telefônicos são feitos com todo o país para difundir o conteúdo do Boletim “Lip Unité”. Surgem novos “comitês pela vitória dos operários da Lip”.

O “Lip Unité” tinha tiragem de 30.000 cópias, com uma difusão superior a esta cifra. Era sustentado financeiramente pelos próprios trabalhadores.

O apoio popular!

Em um segundo momento a luta foi caracterizada pela resposta dos operários à contradição com a população, pelo rompimento da ‘paz social’. LIP é uma fábrica de província, uma grande fábrica de 1.300 trabalhadores, que são pessoas simples, dedicadas às famílias. A ocupação e seus derivados, abrem contradições entre os trabalhadores e os técnicos, entre os operários e as operárias, entre os trabalhadores e os familiares fora da fábrica, entre os antigos sindicalistas e os jovens rebeldes, entre os operários e a cidade, que considera “os Lip” como privilegiados, entre os operários e os camponeses.

Todavia, com a evolução da greve, mulheres e crianças participaram das lutas.

Na Lip havia mais mulheres que homens (60% de mulheres). Uma operária afirma: “Os meus filhos estão de férias, vou dedicar-me à propaganda da luta”. Afirma que participou da marcha até a cidade de Angers, onde lhe perguntaram qual o papel da mulher na luta da Lip; explicou toda a luta para uma assembleia de 600 pessoas e que foi muito aplaudida. Outra operária, de 60 anos, expressa o sentimento dominante entre os trabalhadores”:

“Não tenho escrúpulo em dizer que o direito à propriedade é a base da nossa sociedade, da nossa civilização que tem o sistema capitalista como motor. Para mim, a propriedade é isto que cada um tem construído com seu trabalho pessoal. Uma fábrica como a nossa, mais que centenária, representa o fruto do trabalho de todos os operários que nela trabalharam e não o bem privado do senhor Lip ou de um

grupelho de capitalistas. E, os instrumentos de produção ? É a mesma coisa, são de todos. Não me faça crer que foi Fred Lip que comprou toda a maquinaria da fábrica com o suor de seu rosto”!

Assim, os sentimentos mais profundos de solidariedade e generosidade vieram das mulheres; ocorreu um grande processo de mudanças nas ‘estruturas de sentimentos’, rompendo uma grossa camada de opressão, fazendo emergir várias lideranças entre as mulheres. As mulheres afirmavam que, “fora da Lip houve uma mudança no modo de viver”.

Os jovens eram os primeiros nas viagens para outras cidades e regiões, e nos espetáculos promovidos na cidade como forma de animação cultural em solidariedade a luta.

O desenvolvimento da ‘democracia operária’, com o Comitê de Ação – no início com 300 operários, composto por trabalhadores dos sindicatos CFDT, CGT e de não sindicalizado – a organização de comissões, a abertura da fábrica a todos os amigos da Lip, as viagens de propaganda, atuam sobre estas contradições no sentido de superá-las. “Se produz, se vende, se paga”, torna-se a palavra-de-ordem de unidade popular, junto com outros ‘slogans’: “a fábrica é dos trabalhadores”, “os operários podem dirigir tudo”, “a justiça é a dos trabalhadores”..

Os trabalhadores se organizaram em várias comissões: comissão de produção, comissão de venda, comissão contra repressão, comissão de propaganda de massa, uma sub-comissão de cinema, comissão de esportes, comissão de acolhimento, comissão de solidariedade, comissão de imprensa, comissão animação, comissão alimentação (por exemplo, os camponeses do Lazarc enviaram 45 kg de queijo Roquefort), comissão de administração.

A comissão de vigilância, por exemplo, tinha por tarefa montar um esquema de controle, com turnos de vigilância, telefone para comunicação com a assembléia operária em caso de necessidade de mobilização, e um esquema de automóveis para, em caso de seqüestro das máquinas pelos patrões, perseguir os “ladrões”.

Piaget explica o esquema montado para caso de ocupação policial da fábrica: “Tomamos duas decisões: a primeira consistia em tirar peças e o material necessário à fabricação dos relógios; a segunda, deixar a fábrica sem condições de funcionar sem nós, para isto tirarmos peças vitais da maquinaria”.

A repressão reage a unidade do povo de Besançon.

No 14 de agosto, pela noite, 3.000 policiais assaltam a fábrica e o bairro popular de “Palente”, desmobilizando a ocupação. Às 8 da manhã, 10.000 trabalhadores expulsam os policiais. Ocorre greves em quase todas as fábricas da região do Doubs na Franché-Comte, os correios e as estações de trem são bloqueadas. Os sindicatos chamam uma manifestação para a tarde deste dia, na qual participam 15.000 pessoas. Durante 5 dias houve confronto entre 4.000 pessoas e polícia.

Como resultado, 34 pessoas são condenadas. Começa a produção clandestina de relógios nos domicílios privados. A polícia busca identificar estes laboratórios privados para seqüestrar os relógios, matéria prima e máquinas, mas não tem êxito: os laboratórios mudam continuamente de lugar. A população sustenta o movimento da Lip.

Como vimos, os operários ao saírem da fábrica levaram peças vitais da maquinaria.

Assim, a produção de relógios passou para uma fábrica clandestina, onde trabalhavam operários voluntários, produzindo de 80 a 100 relógios por dia; os muros da fábrica estavam cobertos de manifestos satíricos, avisos e diretrizes de organização e painéis com centenas de telegramas de solidariedade. A “Comissão de Espetáculo” articula manifestações com artistas: Nos painéis da fábrica, aparece inscrita uma canção feita pelos próprios operários, que se tornou símbolo da luta: “Lip, uma luta, uma esperança”, que foi cantada por uma cantora progressista (Claire). A última estrofe explicita claramente a luta dos ‘lippianos’:

“Agora os operários invadiram com uma ira justa,
Para assegurar-se o pão cotidiano,
De tudo se apropriaram. Girando a máquina, abrem os portões
O que lhes dá segurança para os dias que virão”.

Quando da ocupação policial, os trabalhadores e a população de Besançon, informados pela rádio e pelos alto falantes do carro que atravessava a cidade, vieram manifestar a sua cólera e a sua solidariedade. Operários da RHODIA, trabalhadores dos Correios, chegavam em grupo ou em cortejo. ..trabalhadores da Monnier, da Unimel, da Previdência Social, da Spirax, da Yéma, da Micromega, da Weil, chegam com cartazes com os nomes de suas fábricas. Os manifestantes se encontram na rua principal que conduz a fábrica.

Charles Piaget depõe sobre este momento: “No 15 agosto houve greves ou interrupções de trabalho em todas as fábricas não fechadas para as férias. Em Besançon pararam 11 fábricas e 7 oficinas, entre muitas fábricas da região. A Agência France Presse fez greve de 2 horas em nível nacional, divulgando somente

notícias sobre a Lip. Em outras cidades francesas, 37 fábricas metalúrgicas e 13 na indústria elétrica e do gás fizeram greve; 2 agências de correio e 2 bancos também pararam, os eletricitários do Norte diminuíram a tensão em 2 Centrais elétricas. Os camponeses do Larzac pararam para divulgar a luta da Lip. Os ferroviários decidiram 1 hora de greve. Numerosas greves ocorreram também na Suíça”.

Na China, Radio “Pequim Informa” exalta a luta da Lip.

-Os camponeses do Larzac enviaram 2 telegramas:

“ Aos trabalhadores da Lip, os camponeses do Larzac, indignados pela invasão policial em vossa fábrica. Suspendemos a colheita para diminuirmos a circulação na rodovia nacional 9, e manifestar solidariedade militante. Nós venceremos.

14 agosto. Camponeses do Larzac”

“ Aos trabalhadores da Lip. Conduzimos a mesma luta pela justiça, para que os trabalhadores sejam donos de suas vidas. Combatemos a violência policial. Desejamos sucesso em vossa luta contra as demissões, o desmantelamento, pela ocupação”

16 agosto. Camponeses do Larzac”.

-Os Ferroviários da Linha Paris-Lion organizaram um ‘comitê de ação’, que envia uma carta para os operários da Lip:

“ Obrigado por tudo que têm feito por nós. Em um momento em que a luta da Lip atravessa um momento difícil, viemos lhes dar nossa máxima solidariedade. Solidariedade do nosso comitê de ação dos ferroviários da estação Paris-Lion CGT, CFDT e não sindicalizados. O comitê foi criado segundo o exemplo do Comitê de Ação-Lip, e tem como programa a união dos ferroviários e favorecer a mobilização. Graças aos ‘lip’, a sua coragem, as suas idéias que nos ajudaram a desenvolver a combatividade operária...

Até a vitória! 25 de Outubro.

- A seção sindical CFDT da Renault envia um telegrama de protesto:

“ protestamos vigorosamente contra a agressão da força policial contra a fábrica Lip... A luta dos operários da Lip, pela sua força e sua dinâmica e combatividade, mostra o caminho para toda a classe operária. Lip-Renault mesma luta!”.

No bairro operário de Palente, via-se um cartaz indicando de uma parte “Lip-caserna”, de outra parte “Nova Lip-Fábrica Jean Zay”; a poucos metros de distância está uma fábrica da outra, uma ocupada pela polícia e a ‘nova fábrica’ dos trabalhadores, cedida pela comuna de Besançon.

Não se produz nesta fábrica, mas, os trabalhadores dizem “ A fábrica é onde estão os operários”, porque na fábrica são as pessoas que contam e não as máquinas. No muro externo da fábrica havia uma faixa onde estava escrito: “ é possível produzir, vender e pagar salários”

Uma delegação da Lip visita fábricas na Itália: a FIAT de Miraflores- Turim, onde se reúnem em assembléia de 1 hora com o Conselho de fábrica; no Sul, visitam a COMEC, de Catania, ocupada pelos operários. Esta visita à Itália, foi retribuída por uma delegação de trabalhadores de Turim que visitaram Besançon. Na visita a Milão, formulou-se uma mensagem:

“ Hoje, da experiência de produção, do ódio ao Imperialismo e aos parasitas, os operários apresentam a capacidade de dirigir; após terem gerido a Lip, se pode gerir um Estado. Após termos gerido um Estado, é necessário desenvolver a edificação do partido; e todo o povo, intelectuais, mulheres, jovens, camponeses, identificarão nesta vontade operária de gerir o Estado a sua verdadeira razão de unidade”.

Em uma manhã, no cinema ‘LUX’ (local das assembléas), reuniram-se mil pessoas, incluindo a delegação de trabalhadores italianos. Charles Piaget falou da luta da empresa “Kelton” (grande fábrica de relógios de Besançon, de capital norte-americano) que foi ocupada pelos operários. Uma operária italiana da “FEDA” (fábrica de vestuário de Cinisello, ocupada pelas 35 operárias durante 3 meses), é apresentada a assembléia como operária da “mini-Lip italiana”, foi ovacionada pelos trabalhadores. Um operário anuncia a aquisição de um stock de roupas da “FEDA” para os trabalhadores da Lip, novos aplausos! Após a assembleia todos marcham 10 kms em direção a montanha para um almoço de solidariedade, após o qual, cantam, bailam e terminam a festa com a “Internacional”!

A montanha de Château-Farine está repleta de gente e de bandeiras vermelhas;a palavra-de-ordem:”Todos pela Lip,a Lip por todos”!

A Solidariedade Internacional !

Em um terceiro momento, a caracterização da luta está na autonomia crescente, em que os operários criticam o acordo feito pelas centrais sindicais: a CGT aceitava 160 demissões, e a CFDT também propôs um plano de reabertura da fábrica não aceito pelos operários.

Em outras regiões da França, como no Lazarc, os camponeses protestam contra o serviço militar imposto pelo governo; ocorre uma marcha de outros 100.000 operários e trabalhadores vindos de todas as regiões do país.

Assim, os operários da LIP lutam não apenas contra o desemprego, mas pelos operários de outras fábricas em luta e, pelos camponeses; testemunham com o exemplo de uma parte de seu salário que doam em favor de outras fábricas em luta.

Uma delegação visitou fábricas da Itália: o ‘conselho operário’ da FIAT, em Turim; a fábrica “Comec”, ocupada pelos trabalhadores da Catania; nas fábricas em Milão. Os trabalhadores de Turim são os primeiros a visitar a Lip. Lip recebia centenas de telegramas e de cartas de comitês de fábrica de vários países.

2.000 mulheres e crianças fizeram uma passeata atravessando o centro de Besançon.

Toda a cidade está fechada, as fábricas e as escolas não funcionam, a população está na praça central para solidarizar-se com a luta; na cidade ressoa a palavra-de-ordem: “Na Lip não se toca”!

Nos cartazes que as crianças carregavam podia-se ler: “ Não as demissões de papai e mamãe”;” Pelo futuro dos nossos filhos, dos vossos filhos, todos conosco na luta”; Pão Lip para nossos filhos”;

Os trabalhadores de Besançon propõem uma “ Conferencia nacional sobre a Ocupação”:

“Nós, trabalhadores da Lip, fazemos apelo, em conjunto com a CFDT, para termos uma Conferencia nacional pelo Trabalho, em Besançon, nos dias 7, 8 e 9 de dezembro de 1973, visando o desenvolvimento da luta pelo trabalho e pela solidariedade efetiva com nossa luta”

Os trabalhadores da Lip, a CFDT.

Besançon 1973

A fase final da luta : Os acordos

No início de 1974, houve uma manifestação frente a fábrica ocupada pela polícia. Os administradores da falência da Lip tinham feito um acordo com a liquidação do setor de armamento da empresa SPEMELEC, que previa um contrato de venda do setor a empresa Arbel. A prefeitura de Besançon cedeu um espaço para Arbel, na “rue Violet”, para instalar a maquinaria Lip para fabricação de armas.

Todavia, os trabalhadores do setor de armas recusaram o desmantelamento da Lip em solidariedade aos operários do setor de relógios. Assim, o boicote a Arbel tornou-se fundamental para os operários em luta. Significava estancar a política de desmembramento da fábrica e a divisão das frentes de luta. Os operários diziam: “Ocuparemos duas fábricas: a Palente e na rue Violet”!

Na assembleia geral da Lip, os operários queriam marchar até a fábrica de armas e derrubar o edifício para impedir o início da produção bélica. No dia seguinte, ocorre a manifestação até a rue Violet: vingam-se no teto, na porta, nas janelas; a polícia não se aproximou dos manifestantes.

Em 1973, os trabalhadores já tinham votado uma proposta de Acordo, o ‘Plano Girard’ (assessor do Ministro da Economia), que previa a retomada do trabalho mas com 160 demissões.

Em outubro de 1973, no dia 11: os trabalhadores se reuniram e se dividiram em uma dezena de grupos de trabalho, com 50 operários em cada grupo, para debater o “plano Girard.”

No dia 12, a assembleia geral teve uma participação enorme: após seis meses de luta, 90% dos trabalhadores participaram. Votam duas propostas: “retomar o trabalho” ou “seguir a luta”. Resultado: 17 abstenções; 174 pela volta ao trabalho; 626 para continuar a luta.

Nova fase da luta!

Para o acordo de 1974, a assembleia teve o seguinte resultado: 4 contra a volta ao trabalho; 14 abstenções e, 632 pela volta ao trabalho.

Votaram um novo Acordo, diferente do “Plano Girard”. Este Acordo com um grupo financeiro franco-suíço prevê a reabertura de todos os setores da fábrica, sem nenhuma demissão.

Assim, pela primeira vez, uma fábrica destinada ao fechamento, declarada falida pelos órgãos governamentais, é reaberta graças a força dos trabalhadores e a solidariedade popular.

Na Assembléia Geral, no 30 janeiro 1974, Piaget declara que:

“Com o acordo os operários garantiram a base para continuar a luta: a pós um breve período de ‘salário-desemprego’, no primeiro de março serão readmitidos 300 trabalhadores, enquanto outros serão inscritos em um curso de formação nos ramos de necessidade da nova fábrica, com um salário praticamente igual a antiga base de pagamento. Destes, em julho, 200 serão readmitidos. Para os outros, há promessa de readmissão mas sem data definida.”

Na Assembléia, os trabalhadores acham que nesta fase não há como avançar mais. Decide-se como se organizar para os próximos meses: novas comissões foram criadas: comissão de ocupação, comissão de propaganda de massa, comissão de animação. Portanto, os trabalhadores decidem manter a estrutura militante de luta, em condições de ligar os trabalhadores readmitidos com os que ficam em espera de admissão. Permanece o “Espírito da LIP”!

A sociedade européia de relojoaria SEHEM sucede à LIP. Como vimos na fala de Piaget, é previsto uma capacitação acelerada para todos os trabalhadores. A evolução das readmissões segue da seguinte forma:

Até 11 de março 1974 : 114 trabalhadores são readmitidos;

Até 8 de abril: 297 trabalhadores readmitido;

Até 17 de junho 447

Até 24 setembro 570 (restam de fora apenas 260)

Ate 8 novembro 699

Ate 15 dezembro 809

Ate março 1975 todos os trabalhadores foram readmitidos, isto é, 830

Todavia, a luta dos trabalhadores da LIP não estava acabada. Em fevereiro de 1976, o novo diretor parte de Besançon. Em 13 de Maio, a SEHEM é posta em liquidação e todos os trabalhadores são, outra vez, demitidos.

Em 1976 -1977: os operários de Palente recusam as ordens judiciais de liquidação dos síndicos; ocupam de novo a fábrica, retomam a produção e as vendas ‘selvagens’ de relógios. Varias Comissões são criadas para manter os instrumentos de trabalho e o pessoal.

Assim, a LIP, finalmente, busca a solução da Cooperativa.

Anos 80: a “Comunidade Lip”

Nos dias 23 a 30 de março 1980 os lipianos deixaram a fábrica de Palente, após 20 anos de trabalho neste bairro de Besançon. Em setembro de 1979, O Governo tirou toda possibilidade de ajuda financeira a Lip, a não ser que deixassem a fábrica de Palente. Em Outubro do mesmo ano, os trabalhadores decidiram sair do local. Alugaram uma outra fábrica, cedida pela Câmara do Comércio e a Prefeitura.

Contudo, não era o fim do combate dos trabalhadores da Lip. Criaram, então, outras empresas, tipo SCOP (Sociedade de Cooperativas de Produção), localizadas em um mesmo bairro, constituindo a “Comunidade Lip”.

A primeira Cooperativa, “As Industrias de palente”, aparece em novembro 1979, reagrupando as atividades de relojoaria e de mecânica. Com 175 trabalhadores.

- A SCOP-LIP (Industrias de Palente); foi comprada por outras empresas em 1988.
- A SCOP- C.A.P. (Comissões Artesanais de Palente), com 26 trabalhadores;
- O Restaurante (“No Caminho de Palente”), com 7 operários; funcionou até agosto de 1985.
- O CLEF (Coletivo de relações, estudos e formação), para promover atividades formativas, e “turismo social”;
- A SCEIP (Serviço-Consultoria-Estudos Industriais-Promoção), no centro de Besançon; funcionou até 1986
- A Gráfica (“La Liliputienne”); funcionou até 1993
- A AAL (“Associação dos Amigos de LIP”);
- LIP – UNITÉ (Jornal dos Trabalhadores e da Seção Sindical CFDT da LIP”)

- Foi criado um ‘fundo de solidariedade’ para estas cooperativas. Vários trabalhadores preferiram não permanecer nas cooperativas

Uma SCOP, é uma sociedade comercial ,cuja originalidade reside em que os trabalhadores são sócios majoritários da empresa detendo ao menos 51% do capital. Não obrigatório que todos os assalariados sejam associados.Como sócios, os trabalhadores decidem o conjunto das grandes orientações da empresa e escolhem seus líderes.Assim a originalidade de uma SCOP é que a propriedade é dos assalariados e não do capital.

Em 1987, a Cooperativa de Palente , deposita um balanço apresentando um déficit de mais de 10 milhões de francos. Dois anos antes, a Lip tinha abandonado a fabricação de relógios, que foi retomada pela empresa Kiplé do Doubs.

Em 1988, os ativos da SCOP “ As Industrias de Palente”, foram cedidos pelo tribunal do Comercio de Besançon à uma Sociedade Anônima (Lip Précisions S.A.). Este fato ocorre após 6 meses em que o balanço da Cooperativa chegou a um passivo de 25 milhões de francos. Neste momento, a Cooperativa “Industrias de Palente” empregavam 95 operários em uma fábrica cedida em 1980 pela cidade de Besançon e pela Câmara de Comercio e Industria do Doubs.

Ainda em 1988,o novo espaço industrial do bairro Palente foi inaugurado.O espaço de Palente foi comprado pela prefeitura de Besançon e pela Câmara do Comercio e Industria do Doubs. Este espaço acolhe uma “Encubadora” (“pépinière”) de empresas (cerca de 38 empresas).

Comunidade Lip e Solidarnosc , na Polônia

Em outubro de 1980,logo após o surgimento de Solidarnosc em agosto, Roland VITOT foi a Polônia,representando os trabalhadores da Lip. Em fevereiro de 1981,durante 11 dias, Jean,Michel (de Lyon) e Cristhian PIGEARD visitaram a Polônia. O numero 25-25 do Boletim “ Lip Unité” relata esta viagem.

Por que esta viagem ? Após a viagem de Vitot, os ‘lipianos’ lançaram uma campanha de solidariedade com os operários da Polônia. Nesta segunda viagem, um objetivo era o de levar o material coletado e discutir o uso do dinheiro arrecadado. Participaram da viagem: Jean e Cristhian Pigeard,da Lip; Michel ,de Lyon e um sindicalista da CFDT.

Todavia, os trabalhadores da Lip conheciam as afinidades existentes com as lutas dos companheiros poloneses:

“ Como trabalhadores da Lip e como homens nós nos sentimos profundamente interpelados por este grande movimento nascido em agosto de 80 em Gdansk...Como sindicalistas,nós nos sentimos igualmente interpelados...Como trabalhadores da Lip ,certas convergências com o movimento polonês apreçam para nós,mesmo que de modo confuso...Olhar a experiência da Polônia através de nossa própria experiência.Descobri-la com nossos olhos de trabalhadores...”

Os trabalhadores de Besançon doaram 1 megafone a “Solidarnosc” de Varsóvia; mais outro megafone a Solidarnosc de Cracovia; 2 maquinas de escrever a editora “NOVA”,próxima ao KOR*; 1 Gesteitner a Solidarnosc de Nowa-Huta.

Os relatores da viagem falam do problema do ‘corporativismo’ nos sindicatos e como os poloneses atacam na pratica este problema:

“Conhecemos a estrutura do sindicalismo francês: união local, departamental,regional,inter-profissional,etc ,de um lado; sindicato profissional,etc, de um lado; sindicato da metalurgia,do têxtil,dos químicos,etc,de outro.De um lado, as ‘unidades plurais’ de articulação, do outro as ‘unidades específicas” chamadas de ‘sindicatos de categorias’ e federações.No conjunto,encabeçados pela Confederação.

Esta estruturação tem sua origem na historia do sindicalismo francês, a do movimento operário e da situação específica de nosso país.Os poloneses não têm nem esta historia nem essa situação.Para nos lembrar,exceto os ‘sindicatos oficiais’, as últimas tradições sindicais na Polônia remontam à 1939 ,data do surgimento do último “sindicato livre”!Portanto, os poloneses tiveram que reinventar.

Os trabalhadores poloneses privilegiam a seção sindical de base e de região.De um lado, a articulação específica no local de trabalho ou a unidade profissional,do outro, a articulação ‘plural’ no território regional. Entre os dois, não há espaço para um sindicalismo de categoria profissional. Reconhecem a necessidade de ações comuns e reflexões no interior de uma mesma categoria profissional (comitê),mas estas não justificam o corporativismo.O verdadeiro centro do sindicalismo polonês,sua alavanca e raízes,é a expressão na Região.

Estas questões nos conduzem à uma reflexão que nos permitirá esboçar uma COMPARAÇÃO com LIP.

Com que comparar nossa fabrica antes de abril 73,data que marca o inicio do primeiro conflito ?

A “um universo fechado” como são todas as outras fabricas.Um mundo onde só são admitidas as pessoas que nela exercem sua atividade profissional. Um universo fechado, exata replica da divisão do

trabalho, dos corporativismos culturais, sociais, intelectuais. Mundo das moradias isoladas sem rosto e da vida mecanizada. Triste realidade que compartilhamos com o Leste...

Ou, que fizemos em 73 ?

Abrimos as portas da fabrica.

O que ocorreu neste momento ?

Saímos da fabrica, freqüente mente.

Milhares de pessoas de todas as idades, de todas atividades profissionais e confessionais entraram na fabrica.

Nós saímos da fabrica: de inicio, em Besançon e na região para encontrar não apenas os trabalhadores da relojoaria, mas também os de outros ramos profissionais, das profissões liberais, etc; depois, pouco a pouco, em toda a França (Todas as cidades de mais de 100.000 habitantes fomos popularizar a luta).

Milhares de visitantes entraram na fabrica: relojoeiros, mecânicos, etc... igualmente trabalhadores químicos, textis, madeireiros, impressores, etc; camponeses, estudantes, jornalistas, juristas, economistas, médicos, padres, aposentados.. desempregados, etc.. pessoas de todas nacionalidades e culturas." Por exemplo, no período do conflito 76-81, Lip acolheu representantes de mais de 100 nacionalidades).

Mas, a saída dos LIP, como a entrada dos visitantes não devem ser analisadas do único ponto de vista 'físico'. É infinitamente maior que isso. De fato, saindo como entrando, fazemos mais que aumentar o numero de ocupantes de um espaço. Modificamos cada um de nos em profundidade (em todo caso, cria-se esta possibilidade) e nas nossas concepções culturais, políticas, sindicais, éticas, etc).

A abertura das portas, favorecendo a troca, a comunicação, a relação, põe em presença sensibilidades, energias e ideias múltiplas que, em intercambiando uns com outros, num espírito de abertura, são fonte de novas possibilidades de ideias e de formas de ações novas. Isto é que é importante: é a existência, a dinâmica e o desenvolvimento de todos os movimentos sócio-culturais, éticos e religiosos, os movimentos comunitários que estão em jogo. O fechamento das portas significa o fim dos movimentos em uma fragmentação de seus membros ou de uma institucionalização esclerosada, se, as portas se abrem é a marcha para frente, o avanço coletivo e pessoal, o nascimento de uma sociedade mais fraterna, mais humana e mais justa.

Já dissemos que se deve desconfiar das comparações. A Polônia não é a LIP. De um lado, 36 milhões de poloneses, no Leste, em um sistema marxista, saído de uma cultura e de uma tradição específica, de outro 1.000 trabalhadores (em 73), no Oeste, em um sistema capitalista (ainda em expansão na época!) saído de uma tradição francesa e Fran-Comtoise...

Apesar destas diferenças, nos ousamos tentar uma comparação: a Polônia e LIP têm em comum a vontade 'de abrir as portas'. As portas físicas que favorecem a troca e a comunicação dos seres, e mais ainda as portas 'meta-físicas' que, permitindo o choque das ideias e das sensibilidades entre os espaços sócio-culturais e profissionais os mais diversos, estimulam a imaginação e a criação e por aí, favorecem o avanço pessoal e coletivo.

Temos igualmente em comum com os poloneses uma mesma interrogação sobre o futuro. É talvez a única relação em que temos uma pequena vantagem: como estruturar um movimento sem cair da armadilha de uma instituição esclerosada? Como conservar e estimular o sopro do inicio, aquele do élan (revolucionário e autônomo!) e construir a comunidade e a Sociedade? Como construir sua casa no tempo e evitar que ela torne-se inabitável com o tempo? Como conciliar 'profetismo e gestão'? Os dois, são inconciliáveis?

Em outros termos, como 'estruturar' Solidariedade e evitar que se torne uma instituição burocratizada, ou mesmo 'recuperada'?

Como "estruturar" LIP e evitar de construir uma empresa igual as outras?

Dissemos que neste ponto levamos pequena vantagem. Sim, no sentido que nosso processo de estruturação começou depois de longo tempo (fim de 77, criação das empresas) e que, então, podemos tirar o máximo de ensinamentos. Não, no sentido em que os Poloneses parecem até o momento ter melhor respondido que nós a esta questão. Cada passo adiante de Solidarnosc testemunha uma preocupação constante de abertura, de comunicação entre os diversos parceiros sociais e outros (e mesmo parceiros políticos!) e de uma

vontade de fazer o máximo para evitar a armadilha da 'institucionalização' (daí, o questionamento sobre os permanentes sindicais, por exemplo).

Na LIP, não sabemos sempre evitar estas armadilhas. As portas da fábrica têm a tendência à se refecharem e os demônios da 'normalização' pululam entre nós...

Alguém nos dirá: "Vocês estão em um sistema que não permite!". Sem dúvidas! Mas os poloneses estão em um outro sistema que também não lhes é favorável!

Alguns dirão: "É inútil querer mudar a Sociedade se não atacamos, de início, à natureza e a existência do Poder político". Respondemos (e nisto somos diferentes dos poloneses que não têm esperança de mudança médio prazo): "Sem dúvidas!" Mas, acrescentamos: "É necessário, indispensável mesmo, mas insuficiente". A vitória eleitoral não nos trará o conhecimento e a realização instantâneos da autogestão...

Com os poloneses, dizemos: temos que fazer, desde agora, tudo o que for possível. Realizar 'o possível, todo o possível'. O que nos construímos hoje constitui os fundamentos, as bases da sociedade de amanhã. E sabemos que não existe construção durável sem fundamentos sólidos...

Apoiado por todo o povo, Solidarnosc está realizando este programa. Dizemos -talvez- pois não podemos fazer abstração do contexto geo-político Polonês, nem das recuperações possíveis do Poder e do esvaziamento e da erosão que acompanham fatalmente a evolução de todos os grandes movimentos históricos, mesmo os mais generosos. Ao menos, e este é o sinal mais positivo, Solidarnosc, 10 meses após sua criação, não parece se esvaziar. Continua sendo, como desde sua origem, um movimento de mulheres e de homens "de cabeças erguidas, em pé".

O que nos faltou, na LIP, foi mais uma popularização e um apoio massivo que a falta de "outras Lip". Não no sentido de Lip seria um modelo para outras fábricas, mas no sentido de que faltou outros movimentos profundos e duráveis, nas esferas mais diversificadas da vida cultural, ética, social, política, etc... e isto entre as camadas mais diversificadas da população. Só a profusão destes movimentos, seu encontro em profundidade teria permitido a cada um de se confortar duravelmente e de lançar as bases de uma verdadeira mudança social, de uma outra forma de organização da vida...

As experiências, os movimentos muito isolados como o nosso são fatalmente levados à defensiva e correm o risco grave de fracasso, que termina pelo desvio ou pela normalização".

Todas as questões essenciais que discutimos na Lip, são exatamente as que encontramos na Polônia, no movimento Solidarnosc. Apenas se poeem em escalas diferentes: uma pequena comunidade com 8 anos de luta na Lip; um território de 36 milhões de pessoas em luta após apenas 1 ano na Polônia. Isto dito, qualitativamente, a convergência das preocupações, a similitude do caminho profundo permitem traduzir LIP em polonês e vice-versa.

A autogestão é relacionada geralmente à uma técnica de bom funcionamento, que assegura a participação de todos, em vista de resolução dos interesses de cada um. Esta visão restrita é muito perigosa, pois permite a aceitação de qualquer coisa, deixando de lado a questão da finalidade, não importa qual tipo de egoísmo individual ou de grupo. E LIP e a Polônia nos questionam neste aspecto: nelas se organiza o Sentido, a Visão da existência social e a Esperança na unificação humana.

Tanto em LIP quanto na Polônia, redescobrimos a significação original e profunda da palavra economia: a construção da casa, a edificação da moradia. A casa é, seguramente, o local da tranqüilidade indispensável e prazerosa, frente à incerteza angustiante do mundo, do meio ambiente. Mas também, e sobretudo, a casa, é o espaço da presença humana, do acolho possível, da hospitalidade do estrangeiro".

O que na LIP chamamos Comunidade, é o mesmo que os poloneses chamam a Solidariedade, que corresponde a emergência de espaços sociais múltiplos onde o homem é verdadeiramente presente diante do próprio homem. É esta proximidade humana que nos esforçamos de assumir a 8 anos, que os poloneses vieram fora de um regime estatal. A Polônia, LIP: dois espaços ardentes na periferia dos grandes blocos; de um lado, nas margens do Império soviético, do outro lado, nas margens dos grandes centros industriais e administrativos...

Dito isto, a verdade consiste em reconhecer que após 8 anos, nos estamos acossados consideravelmente na Lip, nos temos grandes dificuldades para viver nesta comunidade humana isolada. O risco que ameaça, é

que nossa coletividade se esvazie, perca suas forças vivas, ao assimilar progressivamente o ambiente individualista e a-social. Para reestir a isto, deveria desde agora, 2 espaços, 3 espaços, 10, 100 espaços se desenvolvendo no território francês e europeu, que estes espaços e locais tenham relações entre eles, se federem depois. Partindo da periferia, LIP não pode sobreviver de forma marginal. O IARZAC tem sido para nós um espaço de solidariedade de grande importância. Pensamos que, como nós, a comunidade camponesa deve se sentir terrivelmente isolada.

Mas, então, esta floração de espaço e locais múltiplos, não é um sonho vazio e utópico? Nós não podemos responder. Simplesmente, uma evidência deve ser repetida: É a utopia concreta que, na LIP, foi realista; é esta utopia concreta, portadora de Esperança, que permitiu que o impossível se torne possível, e que vivemos hoje, e apesar de tudo, 7 cooperativas e associações. Victor Hugo chamou a utopia de ‘a verdade de amanhã’. Como um eco, LIP pode afirmar em 1977: “LIP, já é amanhã”...

Concluindo, “Para nós, esta viagem a Polônia foi a ocasião de nos ‘reencontrarmos’ no contato da loucura criadora, de mergulharmos nas fontes da impulsão solidária, do élan comunitário. E, reencontramos o gosto já conhecido em um passado próximo...”

É assim que se torna possível reencontrarmos juntos. E, incorrigíveis, nós pensamos: que a Europa se levante “do Atlântico ao Ural”, e que a Solidariedade tome conta do espírito dos povos!”.

No contexto da viagem a Polônia, a Associação dos Amigos da LIP, organizou um Seminário de reflexão de 3 dias, com 40 participantes:

- uma dezena de poloneses convidados, intelectuais e operários, todos engajados no movimento Solidarnosc:

- um grupo de trabalhadores da LIP e amigos próximos;

- vários intelectuais franceses que foram ‘sensibilizados’ por LIP e pela Polônia.

O encontro será na própria LIP e tem como reflexão os temas:

- os fundamentos culturais do social;

- como pensar uma economia ética.

A luta dos ‘lippianos’ colocou a possibilidade da existência de um movimento com base em ‘Conselhos Operários’, pela primeira vez na França do pós-guerra.

Ainda nos anos 1970, tínhamos a Revolução dos Cravos, em Portugal e o “Outono Caldo” na Itália.

Bibliografia:

França – Lip

. «Partisans, ouvriers, étudiants, un seul combat ». mai/juin 1968, n. 42.

. “Mise à Jour. Revue de débat des communistes pour l’autogestion. No. 1. 1982

. Pierre Cours-Salies. “La CFDT. Un passé porteur d’avenir”. La Brechê. 1988

. Lip Unité. Bulletin des Travailleurs et la section CFDT-LIP. 1981. (11 números)

. LIP. des militants du comité d’action parlent. in “Revolution”, num. 1.

. Autour de LIP, la répression à Besançon. Sd.

. Charles Piaget. “Lip”. Lutter/Stock. Paris. 1973.

. E. Maire-Charles Piaget. “LIP 73. Seuil. Paris. 1973

- .Claudio Meldolesi. Rapporto con la LIP. 82 operai raccontano.Lavoro Liberato.Milano.1974
- .Dominique Bondu. "LIP, dix ans après". Autogestions.n. 14/1983
- .Yvon Bourdet. "Le Conflit LIP: on fabrique,on vend,on se paye".Critique Socialiste, n.17 .mars 1974.
- .François-Henri de Virieu. "100.000 relógios sem patrão.Processo LIP".Assírio&Alvim. 1974.
- .LIP, os trabalhadores tomam conta da empresa.Coleção Zero.Afrontamento.1974
- .François-Henri de Virieu." LIP:100.000 montres sans patron.Calman Levy.1973
- .Frank Georgi. "Souflons Nous-Memes Notre Forge.Une histoire de la Fédération de la métallurgie CFTC-CFDT,1920-1974".Lês éditions Ouvrières.1991
- . CFDT. »Autogestão e Sindicalismo ».Edições Base.Lisboa.1978
- .La CFDT et l'autogestion.cerf.1973
- .Positions et orientations de la CFDT. cfdt/reflexion.montholon services.1978
- .Gilbert Marquis."Il a vingt ans...Lip!". "Utopie Critique.Revue internationale pour l'autogestion". Num. 1. automne 1993.Éditions Sillepse.Paris.
- ."L'Aventure dès 'Lip'. Lês revoltes dès années 1970- 2.Lê Monde. Aout 2003.
- .Joelle Beurier." La memoire Lip ou la fin du mythe autogestionnaire ?".Em: "Autogestion, la derniere utopie ?". Frank Georgi(direction). 2003.
- Richard F. Hamilton-"Affluence and French Worker in the Fourth Republic" Princeton U.Press,1967
- .Pierre Belleville- "Une nouvelle classe ouvrière". TM-Julliard.1963
- .Serge Mallet-"La nouvelle classe ouvrière".Seuil.1969
- Serge Mallet-"Le Pouvoir Ouvrier".editions anthropos.1971
- .Andre Gorz-"Réforme et révolution".Seuil.1969
- .André Gorz-"Stratégie Ouvrière et neocapitalisme".Seuil.1964
- .Daniel Mothé-"Militant chez Renault".Seuil.1965
- .Jeanne Bouvier.Mes mémoires.Une syndicaliste féministe,1876-1935.F.maspero.1983
- .Daniel Guérin.autobiographie de jeunesse.Pierre Belfond.1972
- . "Les Lips- L' Imagination au Pouvoir" Video.